

# A poética das instabilidades

Adriana Rocha Bruno

João Luiz Peçanha Couto

GLISSANT, Édouard. *O pensamento do tremor*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Junior e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard, Ed. UFJF, 2014.

*O pensamento do tremor explode por toda parte, com as músicas e as formas sugeridas pelos povos. Ele nos preserva dos pensamentos de sistema e dos sistemas de pensamento.*

*É raro que as flores cresçam em buquês. Acontece que surpreendamos algumas, que sobrevivem, sob raízes brotadas no ar.*

(Édouard Glissant)

217

Édouard Glissant (1928-2011), martinicano, foi escritor e crítico. Deixou uma obra que busca dar nova significação à cronologia e à organização das sociedades que viveram o “pós” dos processos de colonização, sobretudo, as sociedades das Américas, bem como as sociedades saqueadas de seus habitantes, como a África.

Hoje, esses países, esses continentes, essa África depois do Tráfico e das diversas colonizações – a África, como sabemos, é um dos escândalos do mundo contemporâneo – sofrem devastações, fome, massacres infatigáveis, queimadas malditas da terra [...] que esquecemos ter raízes nessas longínquas ou recentes invasões em flecha que chamamos de colonizações. (p. 152).

Assim, se algumas sociedades e religiões basearam a narrativa de sua própria história em livros que instituem mitos fundadores (o *Maabarata*, a *Sunnah* islâmica, a *Odisseia* e a *Ilíada*, *Os Lusíadas*), as sociedades pós-coloniais (e Glissant centra sua atenção nas Américas, que receberam escravos da África) tiveram tal linearidade temporal rompida. Dizendo de outra maneira, as poéticas europeias adotam a ideia

de busca de uma origem, de um momento mítico a partir do qual tudo começou. Ao contrário das Américas, onde as populações vindas da África sob regime escravo tiveram que romper sua filiação a uma raiz única e se confrontar com os abismos que lhe foram ofertados (o navio negreiro, a língua desconhecida, o novo espaço): é o imprevisível do rizoma desconstituindo as certezas pétreas e arbóreas.

*O pensamento do tremor (La Cohée du Lamentin)* é um dos últimos ensaios de Glissant (ele o escreveu aos 77 anos). Por isso, ali estão grafadas muitas das noções que o teórico martinicano criou ao longo de sua obra, que tem atraído atenção como ferramenta que permite analisar, sobretudo, as dinâmicas das línguas e das sociedades crioulas nas Américas. Essas culturas mestiças, suas dinâmicas e seus embates, suas vitórias e seus retrocessos constituem o foco da obra do pensador martinicano.

Para Édouard Glissant, o termo *tremor* designa certo arcabouço de instabilidades inscrito na paisagem das Américas da crioulização (Sul dos Estados Unidos, Caribe e nordeste brasileiro), onde se verifica a irrupção do imprevisto, do frágil e do imprevisível.

O pensamento do tremor condiz com a errância do mundo e com seu caráter inexpressável. Ele não é nem medo nem fraqueza, não é irresolução [...], mas a certeza de que é possível abordar esse caos, durar e crescer nesse imprevisível, ir contra essas certezas cimentadas em suas intolerâncias. (p. 34).

A crioulização nasceu da diferença entre as línguas crioulas e as advindas da Europa no processo de colonização das Américas. Se estas aqui chegaram intocadas de seus países de origem, aquelas foram se formando graças a combates linguísticos e culturais e a necessidades comunicacionais daquelas comunidades que vieram para as Américas.

[...] a crioulização no Caribe, como no Brasil, foi acelerada pela deportação dos povos africanos, que, sem dúvida alguma, contribuíram para radicalizar aqui as oposições e, conseqüentemente, as simbioses, entre tantos elementos, de vidas e de morte, de ignorâncias e de saber, de músicas e de silêncio, de sofrimentos e de alegria. (p. 81).

As línguas crioulas não se caracterizam, portanto, como genéticas, porque não são reprodutoras de um mito fundador e legitimador de uma gênese que estatuiu a ideia excludente de "território"; são digenéticas, pois nasceram de rastros linguísticos e culturais de duas ou mais comunidades, muitas vezes, provenientes de bases linguísticas distintas.

Glissant classifica as línguas e, portanto, as identidades em atávicas e compósitas, identificando estas com os processos culturais da digênese e aquelas com a afirmação única e monolítica das culturas hegemônicas. Assim, a singularidade, ou o que o autor denomina de identidade raiz única, tende a desaparecer na contemporaneidade, dando lugar ao conceito de raiz-rizoma (Glissant utiliza por empréstimo esse conceito de Deleuze-Guattari), identidade-relação, necessária ao fenômeno denominado pelo autor martinicano de crioulização:

Um mundo em que os seres humanos, e os animais e as paisagens, e as culturas e as espiritualidades, se contaminam mutuamente. Mas a contaminação não é diluição. [...] Essa abertura, de lugar em lugar, todos igualmente legitimados, e

cada um deles em vida e conexão com todos os outros, e nenhum deles redutível ao que quer que seja, é o que informa o Todo-o-Mundo. (p. 136).

A raiz-rizoma, ao contrário da raiz única, que existe e se desenvolve para alimentar a si mesma, cria refrações, dispersa e dilata-se em direção a outras raízes, à relação:

A Relação liga, religa, relata. Ela não relaciona isto com aquilo, mas o todo ao todo.  
A Poética da Relação realiza, assim, o diverso [...] A raiz única mata à sua volta [...]  
A identidade-relação autoriza infinitamente. (p. 44).

Para Glissant, as línguas e as culturas, por mais afirmativas que sejam, caminham para a criouliização, definida como processo de embates culturais nos quais as culturas em confronto encontram-se equivalentes com potência de influenciar o outro.

Nossas palavras arquipelágicas se estendem para o mundo como campos de ondas que se enlaçam sem se destruir. Uma precisa da outra, e nenhuma aqui poderia prevalecer uma. Navegamos em nossas barcas abertas, de ilha em ilha, e essas ondas nos falam, por sua vez. (p. 63).

Nesse processo, a “projeção em flecha<sup>1</sup>” dá lugar a uma perspectiva de espiralidade, admitindo, em vez da concentração, a difração, a interpenetração cultural e linguística. As tramas culturais admitiriam a imprevisibilidade como resultante de seus embates – necessários ao que o autor chama de poética da relação. Portanto, as universalizações do embate singularizante não teriam sentido, por não admitirem os conflitos inerentes a todos os processos de aproximação cultural.

Poderíamos nos perguntar por que o interesse em um teórico que centra sua análise em um contingente delimitado de objetos sociais (aqueles que viveram o desterro da escravidão). A resposta a essa aparente inabilidade de sua abordagem teórica está na proposta glissantiana de que o mundo está se criouliizando.

O Mundo treme, criouliiza-se, isto é, multiplica-se, misturando suas florestas e seus mares, seus desertos e suas banquisas, todos ameaçados, mudando e permutando seus costumes e suas culturas e aquilo que ainda ontem ele chamava de suas identidades, em grande parte massacradas. (p. 81)

O termo criouliização deriva do termo “*créole*”, que se refere às línguas constituídas nos ambientes da *plantation*. Vindos de origens diversas e praticando línguas igualmente diferentes, os escravos das *plantations* tramaram uma língua, tessitura das diversas línguas de suas origens com a do colonizador: o *créole*. O mesmo processo, segundo Glissant, ocorreu com as culturas naqueles espaços. A criouliização, portanto, é a resultante cultural do embate entre culturas. Ao contrário da enxertia da Botânica (que sabemos que, combinando duas espécies de plantas, teremos inevitavelmente uma terceira, e sempre será assim, uma operação reprodutível *ad eternum*), as resultantes da criouliização são imprevisíveis, como são os encontros entre culturas: “não é uma simples mecânica de mestiçagem, é a

<sup>1</sup> “As duas formas de ação de todo império são, pois, por um lado, uma ação em flecha, uma Conquista, para o império que quer estender-se (ele não pode manter-se em estase), e, por outro lado, uma atividade circular, à imagem do nomadismo de sobrevivência” (p. 145).

mestiçagem *que produz o inesperado*" (p. 88). A criouliização é "o único futuro duradouro do continente americano, que não viverá por sua massa nem por sua potência, mas pela sua diversidade consentida" (p. 80).

Em um mundo compósito, onde, cada vez menos, as sociedades têm direito a uma origem única, onde as afirmações monolíticas, cada vez mais, dão lugar a dinâmicas rizomáticas (veja a sociedade francesa, católica em essência e história, mas que já constitui o maior contingente de muçulmanos em país laico do planeta), a noção glissantiana de criouliização ajuda a compreender as dinâmicas, os movimentos e os povos.

Indaga Glissant: como posso me abrir ao outro, ao diferente, ao inesperado e ao imprevisível sem me perder neles, sem deixar de existir? Como não fugir do destino atávico, historicamente repetido de, no momento de um povo se abrir ao outro, tornar-se transparente, invisível, e se descaracterizar? Veja: quando eu admito o outro em meu *habitat* exijo que ele se adeque a mim e, nesta adequação (inclusão?), minhas referências se perdem, meus rastros se tornam dispensáveis, para que eu seja admitido com *um* pelo *outro*. A isso Glissant vem propor o que denomina opacidade, em oposição à transparência, pois "abre a identidade à relação com o Outro e à troca que provém da permuta com o outro, sem que essa identidade seja perturbada nem desnaturada" (p. 129).

O direito à opacidade, portanto, remete ao direito a se abrir ao outro, à relação com o outro, sem que com isso eu me perca de minhas referências. A opacidade vem se contrapor à transparência redutora e ofuscante que torna o outro objeto – não um sujeito; como todo objeto, é passível de reduções, estereótipos, preconceitos e transparências.

O convívio de culturas jamais prescindiu de conflitos, e não é isso que a opacidade propõe. Ao contrário: os conflitos e as dinâmicas interculturais determinam e são determinadas pelo lugar a partir do qual as culturas e as sociedades enunciam-se e afirmam-se. A resultante desse processo criouliizante é imprevisível: é a instabilidade do conflito que não cessa; das verdades que são desconstituídas, para que o diálogo e as dinâmicas aconteçam.

Assim, a contemporaneidade, segundo Glissant, não mais admite *melting-pots* ou mestiçagens que pressuponham comportamentos previsíveis e únicos. O mundo caminha para a plurivocidade cultural como demanda para a compreensão e o embate das suas diferenças. O autor cita o exemplo do escritor contemporâneo, considerado um poliglota, pois escreve em presença de todas as línguas do mundo, encaminhando-se para o que Glissant denomina caos-mundo, uma totalidade que não se fecha em si mesma, mas admite outras diferentes de si.

Os conceitos resgatados pelo autor nessa obra – *O pensamento do tremor* – se mesclam a outros tão caros no mundo atual, já que a criouliização glissantiana nos convoca a compreender que criamos "espaçotempos": híbridos em sua potência para as convergências de cores, ideias, etnias, recursos, interfaces, lugares; ubíquos por sua desmaterialização, que nos transporta a ser e existir em outros mundos e de outros modos; em redes, que rizomáticas, não se fecham, mas se pluralizam em sua raiz-rizoma.

Nessa direção, podemos dizer que a cultura contemporânea vem compor e “multiplicizar” o movimento de opacização dos sujeitos e da sociedade, na medida em que singulariza os atos e os ritos de cocriação humana, trazendo não apenas as possibilidades de transformação alquímica do existente, mas a mesclagem do novo com o novíssimo e destes com o devir.

A escrita de Glissant provoca, portanto, como num espelhamento do título da obra, certo tremor pela falta de um lugar onde depormos os pés, bem como algumas de nossas certezas. Como um vírus a nos contaminar, saímos da leitura tendo certeza apenas do inextrincável do mundo, do jogo de instabilidades que se desnuda quando se fala em identidade, raiz ou verdade.

---

Adriana Rocha Bruno, doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pesquisadora Fapemig e Capes, é professora adjunta do Departamento de Educação e dos programas de pós-graduação em Educação e em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

arbruno@gmail.com

João Luiz Peçanha Couto, mestre em Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), é doutorando em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF) e bolsista (doutorado) do CNPq.

joaoluizpecanhacouto@gmail.com

Recebido em 17 de agosto de 2015

Aprovado em 21 de agosto de 2015